

# Apresentação

A *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar* abre seu v. 2 n. 2 (jul.-dez. 2012) com o Dossiê Saberes Subalternos, organizado por Larissa Pelúcio. Nele, o leitor/a encontrará desde uma análise histórica da criação das ciências sociais em meio ao contexto imperialista e da reconfiguração de seus temas e cânones quando se tornaram especialidades acadêmicas e profissionais, passando por uma crítica às desigualdades geopolíticas que ainda marcam a produção e disseminação do conhecimento, reflexões sobre a Teoria *Queer* na área de saúde e da educação brasileiras até chegar a uma análise dos diálogos entre os pós-colonialismos, os feminismos e os estudos *queer*.

A seção artigos se inicia com um texto que estende as reflexões do dossiê para a esfera da política internacional. Maria Fernanda Lombardi Fernandes analisa as teses conflitantes de Samuel Huntington e Edward W. Said sobre as relações ente o Ocidente e o “resto do mundo”. A despeito da especial atenção para o cenário pós- 11 de setembro, Fernandes retoma as origens das teorias sobre conflitos entre civilizações lembrando que nem mesmo o que hoje compreendemos como Ocidente é o resultado de um consenso histórico ou político, antes de um embate entre o ideal germânico de Cultura e o franco-inglês de Civilização. Em outras palavras, mais uma vez, para compreender o presente vale lembrar o passado em que nem mesmo o Ocidente era compreendido como é hoje na vertente de discursos conservadores como o de Huntington.

O artigo seguinte volta-se para o Brasil, mais especificamente para a análise crítica de como uma vertente acadêmica paulista originou uma classificação da música criada por moradores/egressos da esfera rural que a dividia em música caipira ou sertaneja. A caipira seria a supostamente original e superior enquanto a música sertaneja era apresentada como a versão comercial e alienada da primeira. Gustavo Alonso, por meio de uma cuidadosa análise histórica, convida-nos a refletir sobre como uma vertente intelectual se alçou à posição de avaliadora privilegiada da boa e da má expressão cultural popular. Na perspectiva do autor, ao invés de reconhecer a música como única, esta corrente tendeu a desqualificar a de maior recepção popular em favor de uma supostamente mais autêntica, em um processo em que a pesquisa se distanciou da cultura e da vida das massas de migrantes que mudaram para as cidades em favor da idealização daqueles que ficaram no campo ou existiriam em um passado idealizado por alguns intelectuais.

O compartilhamento da crença em princípios econômicos neoclássicos pelos gestores de políticas sobre a água, nos âmbitos federal e estadual paulista, é o objeto do artigo de Rodrigo Constante Martins “*De bem comum a ouro azul: a crença na gestão racional da água*”, o qual lidera uma das linhas promissoras de pesquisa no âmbito do PPGS-UFSCar. Baseado em análise de trajetórias de técnicos influentes no desenho e na execução das políticas sobre água, o autor empreende uma afiada análise sobre a figuração social, os jogos de relacionamento e as interdependências sociais, e intraclasse, na formação do campo discursivo e de práticas em que são gestadas as decisões sobre como partilhar e gerir a água. Entre ser um direito humano ou um recurso econômico, o uso da água – cuja conversão em consumo de um bem escasso se naturalizou – passa a ser gerido e determinado por uma racionalidade econômica que se sacraliza em função do compartilhamento de crenças em princípios científicos, como se a ciência não fosse ela mesma o resultado de uma figuração social possível. Tudo sob as bênçãos dos interesses negociados pelo Banco Mundial.

Duas contribuições destacam-se no artigo “*Ação e relevância em narrativas de adolescentes autoras de atos infracionais*”, de Hermílio Santos. Uma delas é o recorte de gênero pouco usual nas pesquisas sobre desvio e crime, e mais escasso ainda no conhecimento produzido sobre adolescentes. Em tema em que a estigmatização social da delinquência e do gênero costuma substituir qualquer interesse político ou de pesquisa na subjetividade, é relevante o esforço de focalizar as narrativas biográficas desenvolvidas pelas adolescentes que vivenciam o conflito com a lei e as instituições coercitivas. A outra contribuição é a mobilização, inusual nas pesquisas brasileiras sobre adolescentes em conflito com a lei, do referencial teórico-metodológico amparado na tradição sociológica da fenomenologia e os seus estudos sobre ação e interação.

A partir das trajetórias profissionais narradas por aposentados/as que retornaram ou continuaram no mercado de trabalho em Salvador (Bahia), no artigo “*Geração e Trabalho na atualidade: uma análise sociológica*” Carolina M. B. de Souza explicita nexos significativos entre a continuidade no trabalho, após a aposentadoria, e aspectos da vida material e simbólica, percebida pela autora na busca dos sujeitos da pesquisa pela compensação financeira, somada à busca de integração social e oposição à noção de inatividade. Soma-se assim às contribuições de pesquisas recentes que compreendem a fronteira entre a “atividade” e a “inatividade” profissional como não podendo ser definida pela aposentadoria formal. Destaca-se a forma como a autora estabelece a centralidade do trabalho, para os sujeitos da pesquisa, pela relação com aspectos geracionais, especialmente vistos na relação familiar entre pais – aposentados/as e que continuam

ou retornam ao trabalho – e seus filhos/as – que não conseguem inserção considerada satisfatória no mercado de trabalho.

Na seção resenhas, Fernando de Figueiredo Balieiro analisa a coletânea *Gay Shame* (2009), organizada por David M. Halperin e Valerie Traub, na qual os vários autores, a partir dos referenciais da Teoria *Queer*, analisam não o orgulho gay, mas sua vergonha. Vergonha esta tratada não como sentimento individual, mas como uma potência coletiva criativa e politicamente contestadora.

Syntia Alves apresenta a instigante investigação de Gabriel Pozo Felguera sobre a morte de Federico García Lorca, questionando inclusive o possível local onde o corpo do poeta espanhol estaria enterrado. Em seu livro *Lorca, el último paseo*, o autor traz dados novos sobre a prisão e fuzilamento de Lorca, ao mesmo tempo em que reafirma o quão difícil é tratar deste assunto ainda hoje na Espanha.

O Comitê Editorial agradece o apoio do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e da Fundação Ford.

Boa leitura!

Comitê Editorial

*Richard Miskolci, Jacqueline Sinhoretto e Jorge Leite Júnior*

